

Maria Nazareth Soares Fonseca
Maria Zilda Ferreira Cury
Organizadoras

África

dinâmicas culturais e literárias

Belo Horizonte
Editora PUC MINAS
2012

@ 2012 As organizadoras

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Grão-Chanceler • Dom Walmor Oliveira de Azevedo
Reitor • Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães
Vice-reitora • Patrícia Bernardes
Pró-reitora de Pesquisa e de Pós-graduação • Sérgio de Moraes Hanriot

Editora PUC Minas
Diretor • Patrus Ananias de Souza
Coordenação editorial • Cláudia Teles de Menezes Teixeira
Assistente editorial • Maria Cristina Araújo Rabelo
Revisão • Virgínia Mata Machado
Divulgação • Danielle de Freitas Mourão
Comercial • Maria Aparecida dos Santos Mitraud

Projeto gráfico e diagramação Antônio Sérgio Moreira

Conselho editorial • João Francisco de Abreu (PUC Minas); Magda Neves - PUC Minas; Johann Konings- (Faculdade Jesuíta de Teologia e Filosofia); Maria Zilda Cury (UFMG); Mário Neto (Fapemig); Milton do Nascimento (PUC Minas); Otávio Dulci -PUC Minas; Regina Helena de Freitas Campos (UFMG); Padre Nivaldo dos Santos Ferreira – PUC Minas; Paulo Agostinho - PUC Barreiro; Patrus Ananias (Diretor da Editora PUC Minas); Sérgio de Moraes Hanriot - PUC Minas.

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

A258 África: dinâmicas culturais e literárias / Organizadoras:
Maria Nazareth Soares Fonseca e Maria Zilda Ferreira Cury.
Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2012.
520p
ISBN 978-85-60778-96-6

1. Literatura africana (Português) – Crítica e interpretação. 2. I.
Fonseca, Maria Nazareth Soares. II. Cury, Maria Zilda Ferreira.

CDU: 869.0(6).09

Editora PUC Minas
Rua Dom Lúcio Antunes, 180
Coração Eucarístico 30535-630
Belo Horizonte MG
Fone: (31) 3319-9904
Fax: (31) 3319-9901
editora@pucminas.br
www.pucminas.br/editora

De Rios e guerrilheiros por José Luandino Vieira

Margarida Calafate Ribeiro

Para José Luandino Vieira

Para pensar visões de futuro sob o signo da utopia e distopia, não poderia deixar de trazer a obra de um dos escritores angolanos que mais cantou a esperança, José Luandino Vieira.

A cidade e a infância (1960) é o primeiro livro do escritor angolano, onde várias geografias físicas, sociais, humanas e psicológicas da cidade de Luanda aparecem cartografadas na direção que lhe havemos depois de conhecer em sucessivos desenvolvimentos ao longo da sua obra e, particularmente, em *Luanda* (1965) ou *Nós, os de Makulusu* (1975).

Mas antes desse José Luandino Vieira que todos conhecemos, havia um José Mateus Vieira da Graça, desdobrado noutros tantos que o processo do projeto político em curso, por um lado, e a lucidez e a ludicidade artística, por outro, desdobraram noutros tantos. Eram nomes e escritos ligados à revista *Sul*, de Santa Catarina, no Brasil,

poemas e pequenos textos publicados em jornais de Angola, nas publicações da Casa dos Estudantes do Império, na revista *Cultura*, com as suas duas séries, e outros espaços onde, para usar as palavras poéticas de António Jacinto, se lançava “o grande desafio”,¹ ou, por outras palavras, se ia inscrevendo na língua portuguesa a diferença cultural que exigia a independência política. A prisão pela polícia política portuguesa cedo se impôs a essa voz e a esse homem: de Luanda para o Tarrafal, do Tarrafal para Lisboa. Mas a literatura continuou, intensificou-se e foi o grande espaço de liberdade de José Mateus Vieira da Graça, preso, circulando pelos musseques de Luanda através da obra que José Luandino Vieira ia forjando. Quem é essa Luanda por onde José Luandino Vieira vagueia, procura e anseia? Uma Luanda contramapeada à cidade de cimento do colonizador,² uma cidade gerada pela diferença imposta e intransponível, cheia de tipos sociais, espaços e uma vida protagonizada por um nós, que pode ser Vavó Xixi e Zeca Santos, Binda e as amigas e tantos outros à procura de serem felizes. Uma Luanda dolorosa na sua desumanidade imposta, mas bela na sua humanidade descrita na plena esperança da mudança, com Vavó Xixi amparando como uma *mater dolorosa* o seu neto Zeca Santos que só queria ser feliz, comer bem, vestir camisas garridas e namorar, com as mulheres discutindo a quem pertenceria o ovo perante várias ordens de saber e de poder, para finalmente se porem de acordo perante o roubo do ovo e da galinha que os portugueses, através da

¹ Sobre o nascimento da moderna literatura angolana ver Vieira (1981, p. 109). Cf. Tavares (1999, p. 128).

² Interessante trazer aqui à leitura o pensamento de Boaventura de Sousa Santos (2007).

sua autoridade, propunham. Afinal a quem pertenciam as riquezas daquela terra, a quem pertencia aquela terra? As crianças de *Luanda* o dirão e essa é a pergunta que se enuncia e reenuncia ao longo da obra de José Luandino Vieira.

Hoje, quase cinquenta anos depois da publicação de *Luanda*, a voz angolana que mais cantou a esperança e quis abrir a “porta” para que o ar e o sol chegassem a toda a cidade³ vem prestar homenagem a todos aqueles que com a sua coragem, o seu sonho e também os seus erros, como Beto e Xico, lutaram em Angola e no mundo pela libertação de todas as formas de opressão. E fá-lo em tom de crônica dos feitos e das fantasias – que também escrevem a história de acordo com a citação em latim da Rainha N’ginga em corpo de texto – numa continuidade de António Oliveira Cadornega, o cidadão de S. Paulo de Assunção de Luanda, autor da *História geral das guerras angolanas*, que inscreveu nos rios angolanos “o desumano sangue” que por eles escorre e que compõe a história das lutas dos povos de Angola pela sua autonomia, contra os vários domínios que, desde 1492, se lhes foram impondo. Rios que compõem o epicentro da ação da *História geral das guerras angolanas* e que Luandino Vieira recupera no *Livro dos rios*, ou do rio dos rios que é o Kwanza – “minha rio, meu mãe, nosso pai” – espaço de disputa na conquista e pedra angular da resistência, como tão bem elaborou Ana Paula Tavares na sessão de apresentação do livro em Lisboa. Por isso, as margens do Kwanza e o seu caudal ultrapassam Angola e executam a longa travessia em direção a todo o espaço de sofrimento e de resistência dos povos de África nos rios do Novo

³ Evoco aqui o poema de Ana Paula Tavares (2010).

Mundo, numa homenagem clara de Langston Hughes, a quem o livro é dedicado e a todas as travessias da longa história não escrita da contramodernidade – de onde se ergue a figura central do escravo – que só a memória dos rios registra e o coração dos homens pode parcialmente resgatar.

O gesto-chave da ligação desse “alter ego” de José Luandino Vieira está na sua escrita, esclarecida pelo próprio autor numa conferência proferida pelo escritor no âmbito de um curso de Literatura Angolana que teve lugar no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Na sua intervenção, posteriormente publicada no livro *Lendo Angola*, Luandino Vieira aproxima um texto de guerra de António Oliveira Cadornega, onde o autor identifica os angolanos em luta, e um texto celebratório da batalha de Quifangondo, nos anos 1980 e proferido pelo “General António dos Santos França, [...] nosso Comandante “Ndalú”, comandante da guerrilha” (VIEIRA, 2008, p. 36). Trezentos e dez anos separam esses dois textos. Mas Ndalú podia ser Cadornega, e Cadornega Ndalú. O que está em causa em ambos os textos é os povos de Angola lutando contra ocupações e, portanto, pela sua terra em liberdade.

Aqui está uma gênese possível do *Livro dos rios – De rios velhos e guerrilheiros I* e sobretudo de *O livro dos guerrilheiros – de Rios velhos e guerrilheiros II*, um dos livros na ficção angolana, depois de *Mayombe* de Pepetela, que aborda a questão da luta de libertação e dos seus heróis guerrilheiros, não enquanto ação, fragmentação e ruído dessa luta como em Pepetela, mas enquanto silêncio e memória da luta.

Mas enquanto o *Livro dos rios* nos dá a cartografia de Angola a partir do silêncio, em que a fantasia entra não como um

complemento da história, mas como instrumento sobre uma história de identidades fundadas pelo silêncio, o *Livro dos guerrilheiros* mete em cena essas personagens no estado suspenso da história dos fundadores/heróis da nação moderna e independente. Traçada pelos rios do interior de Angola, ou seja, a partir do mato até a cidade, reconhecido centro de poder e sua instância legitimadora, essa é a cartografia da libertação proposta por Luandino Vieira que, como o andamento dos rios, é preciso respeitar, reconhecer e sobretudo retirar do esquecimento, lembrando. Como os rios, como todos os antepassados da luta pela nação angolana, aí vão os guerrilheiros rumo ao seu objetivo final e aí vai também uma outra história de Angola, feita de dentro e a partir de dentro pelo povo e pelos guerrilheiros, que podem ser Kene Vua ou Kapapa, Kalunga ou um eu coletivo gerador da liberdade que, com tantos outros, vão construindo o imparável processo de libertação da terra angolana, oralmente contada e passada à história por aqueles que dominam os códigos escritos e não menos os subvertem. Mas aquele que a enuncia tem a própria legitimidade da luta e da conquista da liberdade e, portanto, a questão também se impõe: que heróis afinal na narrativa nacional? Ou, mais genericamente, que história de Angola afinal está a ser contada? E, portanto, o narrador que tanto “pergunta saber” ao longo da sua narrativa, narra uma possível história a partir das muitas estórias que compõem a história coletiva de todas as nações, alertando-nos assim para o perigo de uma história única.⁴

⁴ Evoco aqui a conferência “The danger of the single story”, da escritora nigeriana Chimamanda Adichie (2009) na Universidade de Oxford, sobre o perigo de uma história única a partir da sua própria experiência.

Aparentemente a narrativa inicia-se na forma de crônica clássica, indicando uma data – 1971 – um feito – uma missão no Kalongololo – e os heróis a serem celebrados – os guerrilheiros do grupo do comandante Ndiki Ndia ou Andiki. As fontes para a construção da crônica são também reveladas – notícias, mujimbos, mucandas e “ainda lembranças de quem lhes escreveu” (VIEIRA, 2009, p. 9). A metodologia seguida – como se diria em Ciências Sociais – é antiga, pois teria supostamente sido enunciada pela rainha Njinga Mbandi a António Oliveira Cadornega na presença de Frei Giovanni Antonio di Montecúcollo, o Kavazi, conforme se revela na epígrafe de *O livro dos rios* – “In dubio cronichae, pro fabula...” (VIEIRA, 2006, p. 11). Quem enuncia a estória ou a fábula é um eu coletivo, “Eu, guerrilheiros”, tendo como objetivo lembrar suas “valerosas vidas” e “suas exemplares mortes”, que assim se inscrevem na história da nação angolana, ou camoniamente falando, centrando a narrativa naqueles que por “obras valerosas se vão da lei da morte libertando”. Na contracapa do livro, Rita Chaves questiona pertinentemente: “Que sentido e/ ou sentidos encontrar para essa retomada da guerrilha quando a ideia de nação em Angola parece tão consolidada?” E Luandino responde íntima e coletivamente à questão, no próprio *Livro dos guerrilheiros*:

Quando, às vezes, ponho diante de meus olhos aos grandes erros e tribulações, aos muitos sofrimentos que por nós passaram e vejo a figura de tantas vidas, e não menos mortes, no livro da nossa luta, pergunto saber: vivem, nossos mortos, se vivos os vejo em meus sonhos? (VIEIRA, 2009, p. 97)

O *Livro dos guerrilheiros* é justamente a prova de que os mortos por obras valerosas vivem na memória dos vivos. Essa é portanto a

razão íntima que leva o criador a construir estes retratos aparentemente individuais – trata-se de seis retratos – mas que funcionam como um grande memorial da luta de libertação, sendo o local, o solo angolano – o mato onde esses guerrilheiros se movem em total harmonia – a metonímia da nova nação, numa perfeita simbiose entre a narrativa histórica que gerou esses homens e a terra que os viu nascer.

Segue-se uma narrativa em primeira pessoa, Diamantino Kínhoka, que “não reivindica licença de mentir” (VIEIRA, 2009, p. 11) e estabelece os protocolos da narração. O tom da inventiva dirigida ao leitor é de crônica de quem vai contar tudo o que viu, viveu, sentiu e pensou, porque a verdade, ainda que desejada, é coisa impossível na narração e na documentação escrita. Ela inscreve-se nas estórias das vidas dos heróis a cantar, que, por sua vez, se ligam aos antepassados da terra que os viu nascer e que sempre guardou memória dos seus feitos de outro modo, ou seja, não na forma factual de “direitamente contar”, mas de, através de uma estória alegórica ou metafórica, dar conta dos feitos da terra que gerou os heróis celebrados na estória. E, por isso, esse texto não é apenas um texto escrito e registrado em língua portuguesa, mas um texto que só a voz e a performance de boca em boca completarão. Esse é o canto do rio que passa lento, molhando as estórias de água e de sangue, e que José Luandino Vieira ouve, traduz e escreve.

Os retratos das pessoas/ personagens são da geração heroica que fez a independência e a narrativa é a narrativa violenta e sonhadora que os gerou no seio da moderna nação angolana. Todavia, no rio da história angolana, a independência, bem como a

revolução que se lhe seguiu, inscrevem-se como etapa de uma contínua luta pela dignidade humana, da qual continuamente escorre o “desumano sangue” que alimenta os rios de Angola e que se prolonga noutras geografias de sofrimento e de luta. Luta e sofrimento que têm a espessura de séculos e que decorrem das muitas feridas de África que unem a escravatura, a colonização, o *apartheid*, como relembra Achille Mbembe, e todas as formas de subalternização e discriminação que foram vitimando o continente ao longo dos séculos. O que une os retratos dos *Guerrilheiros* – o sentido do rio das memórias da terra angolana, cujas águas às vezes são calmas e luminosas, outras vezes revoltas e escuras – é o sonho e o sangue desses mesmos guerrilheiros que com os dos seus antepassados engrossam o caudal de utopias, mas também de sofrimentos e de lutas que o rio exhibe e que se inscreve profundamente no sujeito nacional cuja alma “escorre funda como a água desses rios” (VIEIRA, 2006, p. 15), como se diz no início de *O Livro dos rios*. Rios cujo denominador comum é portanto esse “desumano sangue” que cava as fendas profundas da história de todas as latitudes e geografias, mas que também permite que os rios não sequem e, por isso, continuem a correr alimentando a terra e a imaginação dos homens, cuja vida corre irremediavelmente como a água dos rios. Mas que sedimento deixam nas suas margens? E que matéria deságua no mar?

O primeiro retrato de *O livro dos guerrilheiros* é o de Celestino Sebastião (Kakinda) de Tenda Rialozo. A sua história está escrita em vários suportes – estórias, documentos, roteiro para um filme documentário, cujo material seriam imagens de arquivo e uma entrevista do próprio Sebastião Kakinda, que de seguida se transcreve e que refere os cinco combates do guerrilheiro na sua

luta contra o colonialismo. Nela dá-se conta do entusiasmo da luta, mas também das duras penas passadas, hoje cantadas em cantigas e mujimbos relativos a Celestino Mbaxi, pois a verdade só se saberá “quando secarem os rios”. Mas de todos esses documentos e testemunhos só um é eleito como fidedigno: uma poesia, “Aquele Grande Rio K.”, que teria sido encontrada no bolso do guerrilheiro, do lado do coração. Um “molhado canto” não mais mar abaixo em busca do império português, como foi o canto camoniano, mas em luta para dentro e por dentro da terra e dos rios angolanos contra o império português que o mar dos “outros” trouxe para dentro da terra angolana, fazendo escorrer pelos rios salteadores, traficantes, colonos e o “desumano sangue” de centenas de anos de lutas. Uma luta que há séculos se inscreve na terra angolana (e cedo escrita em língua portuguesa) e agora vertida no poema como uma arte poética da longa luta de libertação, com tudo o que nela há de glória e sofrimento, de sangue e heroísmo, de transformação e esperança, de sonho e de desencanto, de lembrança e esquecimento.

E como se navegássemos em teu nome, ó rio,
E vagamente acordassem nossas pupilas em tuas águas de sono
Ou em teu nome, ó rio,
Nossos gritos coassem a inchada água do esquecimento
Também em nosso sangue, ó rio,
Tuas águas ferozmente rugiram.

Ó rio amado, rio eterno!
Do fundo das nossas almas clamavam as águas.
De novo lutaremos. (VIEIRA, 2009, p. 16)

“Havemos de voltar”, como diria o poeta Agostinho Neto, para contar a “história de novo”, com outro ritmo, outra cadência, outros heróis. Eme Makongo, Mau-Pássaro, o Mau-dos-Maus

constitui o segundo retrato. É um pioneiro da revolução cuja infância foi marcada pela violência do colonialismo expresso na escola colonial, com todo o seu grau de violência física e epistêmica sobre os meninos angolanos, no seu arrogante desprezo pela sua língua materna, pelas relações sociais, pela sua cultura. Por isso, Eme Makongo foge, engrossando as fileiras da revolta. A fuga para as matas com a família determinou a sua vida plena de travessias de terras e de rios até a morte dos comuns mortais na Frente Leste em 1972, onde se transfigurou no pássaro de quem sempre teve o espírito, assim se reconfigurando na luta e na vida pela nação angolana.

Kibiaka (que vem de *Nós, os de Makalusu*), a quem chamavam o Parabelo, constitui o terceiro retrato, o retrato de um herói que ficou na memória coletiva popular pela sua coragem, sacrifício e luta. Por isso, a narrativa inicia-se pelo louvor de quem lutou com um saber de experiência feito para ser um homem livre e para dotar o seu país de uma nova e justa justiça, pois a “justiça” de que eram alvo apenas prolongava e legitimava todas as formas possíveis de discriminação, racismo e desigualdade. Sem querer encetar a impossibilidade da busca da verdade sobre o guerrilheiro a ser recordado, o eu narrador desde logo diz que muito mujimbo correu entre o povo sobre esse herói e que a sua função e só a de peneirar estórias, para lhe dar uma boa morte. A sua vida foi a de o maior sacrifício físico e de maior resistência psicológica, mostrando sobretudo o poder de simbiose sobrevivente dos guerrilheiros do mato com a natureza e com a população, e a dureza da luta protagonizada contra os portugueses via os flechas, que atacam Kibiaka e outros companheiros numa emboscada. Sobre o solo

angolano jaz o seu humano corpo mutilado, fragmentado, esquartejado como a nação angolana; mas o seu espírito evade-se como um pássaro, cujo canto é a poesia da luta. Disto dá “gestemunho” o narrador, denunciando no neologismo a dimensão performativa do testemunho e da responsabilidade partilhada que se gera entre quem conta – que assim cumpre a sua função de “gestemunho” – e quem ouve – e que ouvindo não mais pode dizer que não sabia.

Zapata, melhor dizendo, Ferrujado e Kadisu é o quarto retrato apresentado. Numa emboscada armada por traidores – leiam-se flechas, ou seja, soldados negros ao serviço do exército colonial português – o seu corpo ficou cravado de balas, mas diz-se que vive ainda na Arábia e em África e que, por vezes, também reaparece na sua terra, confundido com o seu cavalo branco em que um dia voltará para perseguir a ideia que deixou no povo – fazer a reforma agrária, devolver a terra a quem a trabalha e que a ela tem direito, corporizando assim um messianismo revolucionário que não tem fronteiras, ou melhor, cuja fronteira se traça no limite da exclusão, discriminação, expropriação e exploração dos homens.

Mas é com o episódio da terra das laranjas de ouro, no vale do rio Loji, que percebemos a múltipla e difusa identidade desse Zapata. Na estória, que envolve guerrilheiros e o colono branco, recoloca-se precisamente a primeira questão: a questão da propriedade em espaço e tempo de guerra, uma das questões sempre alegoricamente colocadas pelas estórias de Luandino Vieira desde *Luanda* – de quem são as riquezas de Angola, de quem é a terra angolana?

No episódio que narra a morte do colono branco, surge um livro de Capa Negra onde se registram as marcas (e as provas) da exploração: as contas da cantina que o colono branco ia apontando mostram claramente o quanto os negros sempre foram roubados, ficando amarrados a dívidas que nunca conseguiriam terminar de pagar. Nas reflexões do narrador, o livro do colono transforma-se na grande metáfora da exploração que vai desde os tempos da aportagem dos europeus e do tráfico de escravos até a atualidade. Como queimar esse livro? Como reescrever esse livro? Ou no limite e recordando de novo o poeta Agostinho Neto, como narrar a história de outra maneira, como narrar a história a partir de outros narradores? Na resposta a essas questões estão a razão e a legitimação de toda a luta empreendida e a glória dos seus combatentes, aqueles que abriram o caminho para uma nova história, contada a partir da terra de pertença e dos rios que a percorrem.

O quinto retrato ou o último retrato não aparentemente coletivo é de Kizuuu Kiezabu ou General Kimbalanganza, um homem de um quimbo, pai de família, que, em março de 1959, perante as indiscriminadas e sumárias prisões, deportações e mortes feitas pelo regime colonial, lamenta-se, até lhe prenderem o próprio filho. Com as prisões vem o medo, mas posteriormente a consciência política da injustiça e a consequente revolta. Revolta não só dele e da aldeia mas principalmente da geração seguinte, ou seja, dos seus filhos que se rebelam recusando o medo, a injustiça, a dominação. As matanças de 1961 são descritas como “uma colheita prometida muito tempo já, de uma sementeira de séculos” (VIEIRA, 2009, p. 83), colocando assim a guerra de libertação, que então tecnicamente se inicia, numa guerra mais ampla contra séculos de colonialismo,

discriminação, pobreza, dominação. Na sequência dessas rebeliões que encheram a terra de mortos e de sangue, encheu-se a mata e esvaziaram-se os quimbos e aldeias, demarcando-se assim os espaços das duas forças que a partir de então protagonizariam o confronto e a história. Nas terras, nas aldeias, nas cidades, ou em fuga os colonos, o exército colonial; no mato os negros, entre população e guerrilheiros. E durante treze anos essa foi, genericamente falando, a geografia da guerra. Num primeiro momento lançando uma política de terror que provocou genericamente o medo e o silêncio. Depois, com a chamada guerra psicológica ou “guerra dos papelinhos” lançados pelo exército colonial, mas também e sobretudo pela pressão da vida, as populações começaram a voltar, mas não mais para as suas aldeias e quimbos sempre vulneráveis ao chefe de posto, mas para as aldeias-prisão, que eram as sanzalas, onde a vulnerabilidade era total. E foi assim, perante mais um episódio dos muitos que enchem essa história de violência e dominação arbitrária – que é a história de todos os colonialismos – que Job João Gaspar, o guerrilheiro Kizuuu Kiezabu, entrou no mato. Anos passados, independência conquistada, o agora general Kimbalanganza, ex-guerrilheiro Kizuuu Kiezabu, reaparece aos olhos do narrador, protagonizando a figura do ex-combatente. Um ex-combatente rico, simultaneamente reconhecido e invejado, a braços com a sua incômoda riqueza e os seus fantasmas, que retoricamente argumentava em língua revolucionária (leia-se em russo): “Onde estavam enquanto nós sofríamos nas matas?” (VIEIRA, 2009, p. 90).

Mas essa não é uma resposta possível para o seu ex-companheiro de guerra, Kene Vua, que o interpela. Perante a sua

pergunta provocatória lançada do seu iate branco a Kene Vua, a verdade estoira-lhe nas mãos e o general “entristeceu”:

- Não tens vergonha de andar numa chata?!...
- Tenho! – disse eu. – Mas é pró camarada general andar de iate. Senão, não dava!...O mar não cabia para os dois... (VIEIRA, 2009, p. 92)

E a guerra agora era outra, ou melhor, começaria a “guerra seguinte”, revelando que a libertação não trouxera o sonho de igualdade sonhado, aquele sonho que a onça persegue coletivamente e que no pós-guerra se fragmenta, dando lugar a outras guerras e a outras fragmentações de um corpo-pátria de “ossos dispersos”: “Agradei, mas abri-lhe como quem descavilha uma granada” (VIEIRA, 2009, p. 92).

Como em *Luanda*, a esperança estará portanto na geração futura, que deverá receber a herança da luta de libertação e abrir um tempo novo. Esse é o aspecto contido em “Nós, a onça”, o último retrato do livro, que volta ao princípio lançado sob o título “Eu, os guerrilheiros”. Mas agora o texto não mostra mais esse retrato múltiplo sem rosto de uma “geração da utopia” que na mata se fez e, eventualmente, se perdeu. Escrito numa dupla dimensão, esse capítulo é belo no que transmite, e trágico pelo que sabe que não realiza. Trata-se de uma lição de vida “passada a limpo” pela geração que protagonizou a luta e de um “testamento” para a geração futura, um testamento-testemunho que tenta explicar às gerações futuras o tamanho do sonho e o momento histórico único na história dos povos em que o sonho individual coincide com o sonho coletivo. “E se duvido mais, sendo eu mesmo ex-guerrilheiro Kene Vua, é porque nossa luta de libertação estava assim como um sonho –

sonho onde nos sonharam todos no sonho de cada qual” (VIEIRA, 2009, p. 97).

E depois de dado o testemunho “passado a limpo”: “Assim foi que fomos homens: guerrilheiros; assim foi que ficámos – ossos dispersos” (VIEIRA, 2009, p. 106).

E depois de passado o testamento: “Agora sim, posso apagar meu desenho, final. E, por isso mesmo, fechar os olhos, dormir, esquecer – quem sabe? – morrer” (VIEIRA, 2009, p. 106).

O desenho da onça que trilhou esse caminho pelos milhares de pés e braços que cada um desses homens, propositadamente sem rosto, encarna, irá desaparecendo na areia da praia, como um desenho infantil. O objetivo da sua luta e perseguição de séculos cumpriu-se e os seus espíritos ficarão nas árvores, nas terras, nos rios, nas estórias do povo, estórias de quem só cantou a esperança e com ela construiu um corpo-pátria de “ossos dispersos”. Beto e Xico erraram lutando. Vavó Xixi e o neto continuarão procurando migalhas à margem do banquete dos outros. Garrido, Dos Reis e Xico Futre cresceram e multiplicaram-se, porque, de fato, como diz o próprio Luandino Vieira em entrevista, “não se pode construir o futuro – como tanto tinham sonhado nas longas noites da guerrilha – mas tem de se continuar a lutar no presente para que o nosso futuro não nos seja mais construído pelos outros” (VIEIRA *apud* RIBEIRO, 2010, p. 35). Esse é o testemunho, esse é o testamento, a herança que deixam aos seus filhos, herdeiros simbólicos dessa luta e das feridas por ela abertas que continuam a alimentar os rios de Angola. Mas essa é também uma herança empenhada para que as gerações futuras continuem travando as novas lutas que no horizonte se configuram.

Mas onde estão as mães dessas gerações, as mães que geraram os guerrilheiros, as mulheres dos guerrilheiros e todas as mulheres que tanto lutaram e lutam quotidianamente por uma Angola livre?

O pórtico de glória sofrida registrado nesse livro sobre a luta de libertação, e todas as lutas que nela deságuam, nunca estará completo, não só porque a incompletude é o destino da crônica – como o narrador bem sabe, evocando Rainha Nzinga falando em latim, “*In dubio cronichae, pro fabula*” –, mas porque nela não estão contempladas as mulheres que tanto lutaram pela nação e que tanto lutam pela sucessiva construção da nação angolana, inventando a vida de todos os dias.

Onde estão afinal as mães que tantos filhos geraram e que a luta levou? Onde está todo o sangue feminino que por essa e por todas as outras lutas foi derramado, alimentando o caudal do “desumano sangue” que corre rio abaixo?

E vem-me à memória o tremendo diário de Deolinda Rodrigues, *Diário de um exílio sem regresso* (2003), guerrilheira angolana que entrou para a história como mártir da luta armada e as vozes das mulheres africanas que pela palavra poética de Noémia de Sousa, Alda Lara ou Alda do Espírito Santo registram nos seus corpos as feridas de séculos de violação e exclusão. Como afirma Laura Padilha, na visão das poetisas, as mulheres africanas são duplamente vítimas de opressão: de um lado, oprimidas pela sociedade africana colonizada, de cariz patriarcal e machista em que estão integradas e, por outro lado, pela sociedade colonial, branca e também ela patriarcal que a todos tutela. E, por isso, as poetisas da libertação acarinham as suas irmãs: a irmã do mato, sobre a qual se

projetam ideais de liberdade, que a libertação não trará; as moças das docas, de corpos vendidos; as lavadeiras, de corpos violados; as prostitutas de beira de estrada ou de bordel; as mães de todos os meninos de África. Nos poemas de Noémia de Sousa, Alda Lara ou Alda do Espírito Santo, para citar só as mais conhecidas de três geografias poéticas em luta de libertação, todas elas são irmãs e negras (PADILHA, 2004, p. 126), com seus corpos tatuados “de feridas visíveis e invisíveis”, suas “mãos enormes, espalmadas, erguendo-se em jeito de quem implora e ameaça” (SOUSA, 2001, p. 49), apelando ao reconhecimento da sua identidade, numa manifestação pessoal que é já um grito coletivo em busca de liberdade, em que a mulher africana se torna epíteto do sofrimento humano negro e expressão aglutinadora da revolta da terra africana ocupada, violada, usada.

E agora, José Luandino Vieira? Onde estão as mulheres, geradoras das novas gerações? Mais uma vez elas não estão onde sempre estiveram – na terra angolana – na luta e no dia a dia, inventando a vida para florescer a nação, constituindo outros tantos “ossos dispersos” de uma história sempre incompleta, escrita com o sangue dos mortos, mas também com a certeza de que as *cabiris* continuarão a voar.

Referências

- ADICHIE, Chimamanda. *The danger of the single story*. TEDGlobal, 2009. Disponível em: <http://www.ted.com/talkschimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html>. Acesso em: 15 jan. 2010.
- CADORNEGA, António Oliveira. *História geral das guerras angolanas*:1680. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1972.

JACINTO, António. O grande desafio. In: FREUDENTHAL, A. (Ed.). *Antologias de poesia da Casa dos Estudantes do Império, 1951-1963 - Angola e S. Tomé e Príncipe*. Lisboa: Acei, 1994. p. 153-155.

NETO, Agostinho. *Sagrada esperança*: poemas. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1979.

PADILHA, Laura Cavalcante. Dois olhares e uma guerra. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 68, p. 117-128, abr. 2004.

PADILHA, Laura; RIBEIRO, Margarida Calafate. *Lendo Angola*. Porto: Afrontamento, 2008.

PEPETELA. *Mayombe*. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

RIBEIRO, Margarida Calafate. E agora José, Luandino Vieira? An interview with José Luandino Vieira. In: ROTHWELL, Phillip (Ed.). *Remembering Angola*. New Brunswick: Rutgers University, 2010. (Portuguese Literary & Cultural Studies, v. 15/16). p. 27-35.

RODRIGUES, Deolinda. *Diário de um exílio sem regresso*. Luanda: Editorial Nzila, 2003.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, n. 78, p. 3-46, out. 2007.

SOUSA, Noémia. *Sangue negro*. Maputo: Associação de Escritores Moçambicanos, 2001.

TAVARES, Ana Paula. As portas de Luanda. In: ROTHWELL, Phillip (Ed.) *Remembering Angola*. New Brunswick: Rutgers University, 2010. (Portuguese Literary & Cultural Studies, v. 15/16).

TAVARES, Ana Paula. Cinquenta anos de literatura angolana. *Via Atlântica*, n. 3, p. 125-130, dez. 1999.

VIEIRA, José Luandino. *Lourentinho, Dona Antónia de Sousa Neto & eu*. Lisboa: Edições 70, 1981.

VIEIRA, José Luandino. *Luanda*. Lisboa: Edições 70, 1988.

VIEIRA, José Luandino. *Nós, os de Makalusi*. Lisboa: Caminho, 2001.

VIEIRA, José Luandino. *Livro dos rios - De rios velhos e guerrilheiros I*. Lisboa: Caminho, 2006.

VIEIRA, José Luandino. *A cidade e a infância*. Lisboa: Caminho, 2007.

VIEIRA, José Luandino. Literatura angolana: estoriando a partir do que não se vê. In: PADILHA, Laura; RIBEIRO, Margarida Calafate. *Lendo Angola*. Porto: Afrontamento, 2008. p. 31-38.

VIEIRA, José Luandino. *O livro dos guerrilheiros: De rios velhos e guerrilheiros II*. Lisboa: Caminho, 2009.